

# INVENTARIAÇÃO, RESPONSABILIZAÇÃO E PENALIZAÇÃO SÃO AS CARACTERÍSTICAS DA FASE ACTUAL

— define Presidente Samora Machel ao fazer o balanço dos trabalhos realizados na Beira

Na sexta-feira à noite, na cidade da Beira, o Presidente Samora Machel orientou uma reunião de balanço do trabalho desenvolvido na província de Sofala no âmbito da Ofensiva, tendo escutado e comentado os relatórios apresentados pelas duas brigadas que havia deixado a trabalhar na Beira. Essas brigadas eram chefiadas, respectivamente, pelos Ministros Alcântara Santos e Aranda da Silva.

Durante o encontro, o Presidente Samora Machel classificou a presente fase da Ofensiva (que continua — como salientou), como sendo já não apenas de verificação, mas de inventariação, responsabilização e penalização. Afirmou também: «Agora, através da Beira, já vemos o que se passa no País todo».

O texto que a seguir publicamos é um relato integral da referida reunião, contendo as diversas intervenções do nosso dirigente máximo e também os relatórios apresentados pelas duas brigadas. Em primeiro lugar, usou da palavra o Marechal Samora Machel:

«Chegámos à Beira na quarta-feira da semana passada. Há nove dias que estamos na província de Sofala. Parece que fomos claros, logo que chegámos. O que nós queremos: Verificação, controle, responsabilização e penalização. Encontramos as causas essenciais dos problemas existentes, encontramos as causas essenciais da falta de interligação, de interdependência entre estruturas.

Dissemos as causas essenciais dos nós de estrangulamentos e finalmente pusemos duas questões essenciais: questões definidas no PEC/81, duas grandes direcções, dois grandes objectivos; problemas dos produtos estratégicos para a exportação.

Não avançamos, não melhoramos a nossa vida porque não temos divisas. Mas temos produtos que produzem divisas. O que há, é falta de consciência de que temos produtos que produzem divisas, que as divisas não caem do céu. Mesmo onde há petróleo é preciso extrair o petróleo. Na África do Sul, onde há ouro e diamantes, é preciso explorar, é preciso extrair. E a nossa terra, é tão pobre assim?

Não sei se já saiu como uma lei, o problema da venda de pau-preto. Em qualquer parte do nosso País, pau-preto, pau-ferro. É a colocação no chão de parquets de jambirre, de umbila, madeira preciosa, e por cima, colocar alcatifa. As casas que devem levar parquet têm de ser definidas, porque o jambirre, a umbila, são divisas para o País. Pau-rosa, sândalo, tão rico e tão precioso, tão necessitado em toda a parte do mundo, fazemos dessa madeira parquet, até fazemos dessa madeira lenha. É inconsciência, ignorância. Falta de conhecimento. Até fazemos feiras, sobretudo na província de Nampula, em que vendemos as malas preciosas a quatro mil melicais, para irem para fora. Inconsciência. Irresponsabilidade ao nível do Estado.

Vendemos o marfim — o marfim está ao lado do diamante, tem o mesmo valor, está ao lado do ouro. Mesmo na África do Sul, que é o maior produtor de ouro, de diamantes, de carvão, de ferro, é proibido vender o marfim. É preciso uma licença especial. Mas aqui fazemos colares de marfim e vendemos aí na rua. Fazemos jogos de xadrez com marfim e vendemos a qualquer pessoa. São divisas para o País. Quanto é que custa um dente? Onde é que há marfim assim para vender? O Estado não controla.

Fazemos cinzeiros de mármore. A Itália é o maior produtor de mármore mas nem todas as casas têm mármore, não se pode encontrar mármore à venda na Itália, foi definido como um produto estratégico para a exportação, para obter divisas. Mas nós não temos consciência disso. Qualquer casota aí tem mármore. Agora para construir edifícios, palácios dos congressos, grandes salas para conferências internacionais, para grandes acontecimentos nacionais, sim. E então sabemos quanto vamos gastar, em metros cúbicos.

Fazemos cinzeiros com pau-preto, com pau-ferro, e abrimos em Nampula, em Pemba, feiras para destruição das divisas. A feira é para vender o trabalho artesanal — chapéus de palha, estadeiras para as casas, tapetes, cestos e outras coisas. Não é para vender produtos que trazem divisas para o País.

Quando há feiras — venda de marfim, de peles de leopardo, de leões e de outros animais — é para o Estado, para trazer divisas para o País. E das peles que fazemos os belos casacos para as senhoras, é das peles do crocodilo que fazemos os belos sapatos. Nós não temos consciência, mas existe no nosso País. Patas de elefante, cabeças de búfalo, tudo isso são divisas que não aproveitamos. Isso não é problema somente de Sofala, é um problema geral. Por isso, quando nós visitamos os distritos e dizemos que temos de ver com olhos de ver, são estas questões que devemos ver.

Quando fazemos participar os administradores é para que cada administrador saiba o que é que tem o

seu distrito, como produto estratégico para exportação, como produto estratégico para o abastecimento do povo.

O nosso trabalho continua, mas periodicamente é necessário que façamos o balanço, se é positivo ou negativo. Se é negativo mas há optimismo, se é positivo mas há pessimismo.

Quais as perspectivas para a solução destes problemas? Por isso convocámos esta reunião, para que nos dêem relatório os chefes das brigadas, apoiados pelos directores provinciais, directores de sectores vitais como o complexo ferro-portuário, a MADEMO, como as pescas e outros sectores. É nosso objectivo aqui que os responsáveis das brigadas dêem o relatório, e serão secundados pelos responsáveis provinciais e directores de sectores vitais. E se estiverem aqui também responsáveis distritais, dirão o que é que há nos seus distritos para de novo delinear os pontos onde começar, o que é que falta ver ainda.»

## RELATÓRIO DE ALCANTARA SANTOS

Apresentou então o seu relatório o Ministro dos Portos e Transportes de Superfície, Alcântara Santos, que chefiava uma das brigadas deixadas pelo Presidente Samora na Beira:

«Esta brigada visitou os distritos de Muanza, Inhaminga e Caia. O objectivo fundamental era a análise da situação quanto aos produtos estratégicos e análise à situação das estruturas envolvidas nessa actividade de escoamento dos produtos estratégicos para exportação e abastecimento do povo. Deste modo a análise concentrou-se na empresa dos CFM-Centro, na MADEMO, na Pedreira de Muanza e em algumas actividades industriais e de construção no distrito de Caia. Estas empresas actuam e têm grande responsabilidade no escoamento do calcário para a produção de cimento, da madeira e de todos os outros produtos em que a empresa CFM-Centro tem intervenção, nomeadamente no carvão.»

Fizemos também algumas documentações, nomeadamente a caracterização da situação, e distribuímos tarefas e prazos também para a elaboração dessas tarefas, mas pensamos que o importante neste momento era fazer a caracterização para V. Excia, Senhor Presidente.

## CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS CFM-CENTRO

### OS CFM-CENTRO SEDE

Há uma ausência de direcção efectiva na empresa. O director da empresa centraliza todas as decisões, não tem confiança nos seus colaboradores. Sendo absorvido por este método de trabalho ocupa-se com situações pontuais e perde de vista a globalidade da empresa. A direcção não demonstra confiança no transformador da natureza e produtor de riquezas, que é o trabalhador. Deverá esforçar-se para articular melhor com os trabalhadores e para tomar uma posição de classe.

Há falta de autoridade devido à falta de clareza sobre a natureza das relações entre os responsáveis — existem relações de tipo companheirismo.

Existe falta de trabalho colectivo e bastante acentuado departamentalismo.

### OS CFM-CENTRO NOS DISTRITOS

Todos os problemas acima citados reflectem-se na actividade dos CFM nos distritos. Mas além disso existe um isolamento das estruturas dos CFM ao nível local pela sua não implantação nos aspectos políticos, culturais e económicos dos distritos. Há indefinição de tarefas, responsabilidades e hierarquização, que conduzem ao departamentalismo e à apatia.

Existe resistência à integração na empresa CFM-Centro por parte de alguns antigos trabalhadores da TZR. O centro de Inhaminga foi o antigo cen-

tro da administração do TZR. Possui infra-estruturas fundamentais para a operação e manutenção ferroviária. Foi um centro em que se encontravam concentradas estruturas repressivas — OPVDC, GEs e PIDEs. Esta situação conduz a uma grande infiltração a todos os níveis, e de que uma grande parte não aceita as transformações. A sua presença influencia e resulta em alguma intimidação das estruturas locais do Partido e do Estado que por conseguinte ficam inoperantes. Estas estruturas também ficam inoperantes e desacreditadas perante as populações que conhecem os infiltrados e que não vêem

não se reflectem tanto ao nível das estruturas locais, no que respeita ao conhecimento da sua perspectiva futura como numa planificação física que é imprescindível abordar-se para toda aquela área.

## ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DA MADEMO

Constatou-se não haver uma definição clara dos objectivos da MADEMO, o que se reflecte no seguinte:

1 — Centralização da empresa no Maputo, o que re-

transporte rodoviário e ferroviário, no escoamento da madeira e falta de articulação entre a MADEMO e CFM-Centro. Neste contexto verifica-se a alienação de responsabilidade dos CFM-Centro, através da entrega da gestão dos vagões para transporte da madeira à MADEMO, que tem a responsabilidade de os distribuir.

**PRESIDENTE SAMORA: Alugam agora à MADEMO. Eximiram-se das suas responsabilidades.**

ALCANTARA SANTOS: O que se passa é que quem distribui os vagões pelos clientes é a MADEMO, não são os CFM-Centro.

**PRESIDENTE SAMORA: E a ponte sobre o Zambeze?**

ALCANTARA SANTOS: Nós visitámos também a ponte sobre o Zambeze e em termos gerais enquadra-se neste problema das estruturas não terem inserção na política interna do distrito. Mas fundamental-

mente até à sua comercialização. E pensamos que este ponto será talvez um dos mais importantes das estruturas da MADEMO.

O primeiro ponto que gostaria de acentuar é que nós fomos verificar como é que são dadas as informações, isto é, qual é a informação dos stocks que existem nas estações, que existem nas fábricas que existem inclusivamente na Beira, e nós falámos com pessoas que estão responsáveis por preencher aqueles documentos. O que nós verificámos é que o preenchimento desses documentos é feito por pessoas que não sabem o que significam as informações que estão a dar. Portanto, todas as informações só por acaso é que realmente coincidem com a realidade, nomeadamente um problema muito concreto, é que confundem stocks com produção. E quando se pede qual é o stock que existe nesta fábrica, para uns meses dão o valor da produção, outros meses dão o valor dos stocks, porque a informação não está correcta. Isto dá que a informação que existe na Beira, na MADEMO, e a informação que está no Maputo, na MADEMO, não está de maneira nenhuma correcta. Portanto, toda a planificação que se possa fazer para a comercialização, quer interna quer externa, está a ser baseada nesses elementos, e nunca corresponde à verdade; portanto é uma situação totalmente falsa este circuito.

O segundo ponto, é que as estruturas nos locais só têm esta função informativa, não têm nenhuma função de decisão, a decisão está toda centralizada. Alguma está centralizada aqui na Beira, nomeadamente esta distribuição dos vagões, e essas relações que existem com o CFM-Centro, que estão altamente erradas, e que devem ser eliminadas. Isto é, os CFM-Centro estabeleceram um acordo com a MADEMO em que a MADEMO é que distribui os vagões pelos madeireiros.

**PRESIDENTE SAMORA: Em que parte se trabalha assim? Se houver machambeiros de milho vão distribuir para os machambeiros de milho, os produtores do açúcar terão os seus vagões, os produtores de citrinos terão os seus vagões, os produtores de carvão terão os seus vagões? Então não chegam para o País, mesmo só para a Beira não chegam. Juntando todos os vagões que nós temos no País, alugando os da África do Sul e do Zimbábue, não são suficientes. Esse método não sei de onde é. Talvez seja a evolução da ciência, que produz o comunismo antes de chegarmos lá... Será assim no comunismo? Pelo contrário! Caminhos para onde? Para o primitivismo, estado primário dos homens. Como sairmos dessa situação? Ligando a MADEMO, os privados e as empresas estatais, ao mesmo tempo, aos Caminhos de Ferro-Centro.**

Qual é a responsabilidade de cada um destes? MADEMO é uma empresa, mas neste momento os quadros que preenchem a MADEMO são inconscientes, irresponsáveis. A inconsciência — dissemos em 18 de Março do ano passado — a negligência pune-se, porque a negligência pode-se transformar em crime. De negligência para crime não há distância. A incompetência expulsa-se. Agora, a irresponsabilidade está lado a lado com a inconsciência. É inconsciente, por isso não tem responsabilidade. Nós estamos a exigir a incompetência que tenham responsabilidade. Não só isso. É que colocámo-los em lugares-chaves, lugares estratégicos, onde é necessário receber, sentir, dirigir e tomar a decisão.»

## RELATÓRIO DE ARANDA DA SILVA

O Ministro do Comércio Interno, Aranda da Silva, apresentou depois o relatório da sua brigada:

«O objectivo desta brigada era fundamentalmente verificar a situação existente nos sectores produtores e distribuidores de produtos estratégicos de abastecimento do povo, bem como de alguns produtos estratégicos de exportação. A brigada analisou algumas situações no campo da Defesa e Segurança, organização das estruturas do poder local, funcionamento dos Governos distritais, situações pontuais.

«Foram visitados os seguintes locais: na cidade da Beira, MOBEIRA,

(Continua na página seguinte)



ser tomadas as medidas para pôr termo às actividades negativas desses elementos.

## CONCLUSÕES QUANTO A EMPRESA CFM-CENTRO

A falta de direcção provoca uma desorganização total e uma descoordenação a nível interno e também, o que é bastante importante, nas relações com os clientes nacionais e internacionais.

### PEDREIRA DE MUANZA

Na pedreira de Muanza constatou-se a existência de um ambiente apático, marcado material e psicologicamente pelos ataques dos bandos em Dezembro de 1979 e Janeiro de 80. Como consequência, a vida deixou de se desenvolver na pedreira e os trabalhadores estão sendo concentrados na sede do distrito, o que poderá contribuir para este espírito derrotista.

Existe uma má utilização do equipamento na operação e na manutenção.

### VILA DE CAIA

Sentiu-se uma falta de orientação por parte das estruturas da Aeronáutica Civil na construção da pista de Caia, o que poderia ter resultado em que as dimensões não fossem adequadas para uma correcta dimensão da pista. O distrito de Caia é um centro de concentração de grandes construções e empreendimentos económicos dirigidos pelas estruturas centrais, os quais não são inseridos na vida política, social, económica e cultural do distrito. A estação dos CFM de Caia apresenta uma imagem de desleixo, originando levantamentos desordenados de mercadorias por parte dessas grandes empresas.

A vila de Caia constitui um grande pólo de desenvolvimento futuro; no entanto estas perspectivas ainda

sulta num desconhecimento por parte das estruturas locais dos objectivos da sua produção.

Falta de iniciativa local na resolução dos problemas.

Falta de compatibilização entre a produção e a comercialização.

Falta de definição das relações com os privados.

Existe uma falta de gestão científica da empresa, o que resulta numa interpretação estática e burocrática do Plano, e a tomada de decisões de improvisação. Existem um incorrecto enquadramento e aproveitamento do grupo de consultores estrangeiros que estão actualmente a trabalhar nesta área. Não estão a ser aproveitados convenientemente.

Neste ponto, o Presidente Samora Machel interrompeu para dizer:

«Chegará o tempo em que terminam o contrato, regressam e não deixaram o conhecimento, sobretudo o formativo. Não terão formado quadro nenhum, em qualidade, nem em quantidade, nem sobretudo em organização, em método científico. Mas esse é o espírito de alguns moçambicanos: «Vem-nos tirar o pão». Não vêm transmitir conhecimentos e transmitir conhecimentos científicos, organização científica. Para esses, «vem-nos tirar o pão». Esses querem continuar com métodos artesanais, o que nós combatemos. Não consideram a fábrica como uma fonte de divisas. Não consideram que a fábrica deve aceitar transformações profundas e acompanhar a evolução da ciência. Métodos retrógrados, os rotineiros, os adoradores de rotina — são estes. «Porque fizemos, fazemos, foi sempre assim, porque é que eles querem alterar o nosso método de trabalho?» — dizem eles.

O Ministro Alcântara Santos prosseguiu:

Existe uma irracionalidade no

mente o que nós verificámos é que a planificação dos trabalhos para a execução da ponte não estão perspectivados para longo prazo no local do trabalho. Isto é, no local do trabalho não conhecem os planos até final da obra, apenas conhecem os planos para o próximo mês. Isto é resultado de uma desarticulação entre a sede da empresa, que está em Maputo, e os executores da obra, que estão no local. Portanto, há uma desarticulação também bastante grande entre as estruturas centrais e as decisões locais.

Penso que isso vai causar bastantes problemas, porque as planificações que estão previstas, nós verificamos que estão no papel mas vão ser difíceis de cumprir. Elas estão no papel, mas a articulação não vai proporcionar a conclusão da obra tal como ela está prevista.

**PRESIDENTE SAMORA: Ministro dos Portos e Transportes de Superfície, se nos falasse mais um pouco em detalhe desta questão da MADEMO? Por exemplo, não sei se é fábrica se é fabriqueta o que visitou, como é que está lá, os exemplos concretos do que é a marginalização dos cooperantes ou estrangeiros que vão para lá, homens formados, em que estado está, como é que chegou a esse estado. O espírito que está lá é de esperança ou rotina?**

ALCANTARA SANTOS: V. Excia disse muito bem, fundamentalmente é um espírito de rotina. Quando referimos nesta intervenção a MADEMO, nós podemos dividir a intervenção sobre a MADEMO em vários aspectos. Uma na fábrica aqui da IPMAL, que corresponde a uma rotina bastante acentuada em que não se nota nenhuma situação inovadora, isto quer dizer que todos os dirigentes acham que está bem tudo o que lá se está a passar. Embora a desarticulação seja bastante grande, a capacidade da fábrica é muito maior em relação ao escoamento da madeira, desde a produção nas serra-

# INVENTARIAÇÃO, RESPONSABILIZAÇÃO E PENAL SÃO AS CARACTERÍSTICAS DA FASE ACTUAL

(Continuado da página anterior)

zona da Ponte-Cais, da Ponta-Gea, Moçambique Industrial, Armazém Nacional da COGROPA, Cooperativa de Consumo da Manga, Supermercados, lojas e o mercado. Nos distritos, distrito de Búzi — Companhia Açucareira do Búzi, armazém distrital e algumas lojas da sede do distrito. Nhamatande — distrito experimental — Unidade estatal de produção de algodão de Metuchira. Dondo — Açucareira de Mafambisse. Gorongosa — Fábrica de Moagem e Rações para pequenas espécies, armazém, lojas da sede do distrito, machamba estatal de Domba, centro educacional, aldeia comunal Nhamissongora e sua cooperativa agrícola, cooperativa agrícola de Mangara e o Parque Nacional de Gorongosa.

## Situação detectada na cidade da Beira:

«Nas empresas estratégicas visitadas verificou-se o seguinte: níveis diferentes de conhecimento e cumprimento das metas do Plano, consoante as empresas. Quando existe conhecimento do Plano, em regra, este situa-se apenas a nível da direcção, não chegando aos sectores, à secção e aos trabalhadores. Há casos de total ausência de direcção — o caso mais flagrante é a Mo-beira.

«Problemas de aprovisionamento de matéria-prima, quer de produção nacional, quer de importação. As primeiras, derivadas fundamentalmente de falta de escoamento e ausência de informação e coordenação entre os vários sectores e níveis. Podemos dar exemplos concretos — na Moçambique Industrial, a fábrica está ameaçada de paralisar por falta de copra e semente de algodão. Durante a visita que fizemos ao distrito de Búzi, encontramos semente de algodão, e a Companhia de Búzi não está preocupada com essa situação.

«As empresas produtoras não têm considerado o plano de distribuição como parte integrante do seu plano, e, portanto, como sua tarefa. Muitas vezes não são registados os critérios de distribuição definidos no PEC. O espírito que encontramos em muitas empresas é de atingir a

meta. Se o produto atinge o objectivo para o qual nós definimos a meta, isso já não é importante. Não é assumido que a meta é o meio de atingir um objectivo mais amplo que é servir os interesses do povo, num caso concreto, abastecer a população disto, ou abastecer outra empresa disto. Essa preocupação não existe. O que interessa é cumprir a meta. Se o produto fica lá no armazém, não é importante. «Já não é comigo». É este o espírito que encontramos em muitas empresas. Podemos dar muitos exemplos concretos disto.

«Fracca organização do Partido e quase nula acção dos Conselhos de Produção, que em geral não existem ou quando existem é uma figura de estulto. Não sabem qual é a tarefa.

«A ligação e coordenação entre as empresas e as suas estruturas de direcção e controle, tanto a nível central como provincial, é extremamente débil. Apesar de haver falta de alguns produtos básicos, a situação de abastecimento é, contudo, razoável, considerando as disponibilidades. Os problemas verificam-se essencialmente na farinha de milho e na carne.

«Nas lojas visitadas, de uma maneira geral, a limpeza, a apresentação dos trabalhadores, bem como a organização e exposição dos produtos são muito deficientes.

**A nível dos distritos**  
«A nível da produção para o abastecimento do povo, nos distritos verificou-se o seguinte:

«No sector estatal — As empresas agrícolas não produzem ainda para auto-consumo, dos seus trabalhadores. Todas as empresas visitadas não incluem nos seus Planos a produção para os seus trabalhadores. A alimentação para os trabalhadores das machambas estatais e complexos industriais provém de importação: arroz e milho. Contudo, as metas traçadas no Plano Estatal Central para 1981, no geral, têm perspectivas de serem cumpridas, ou mesmo ultrapassadas. Nestas empresas, a visão económica é muito deficiente. Como consequência, as empresas têm prejuízos financeiros muito elevados. A sua organização técnica e científica é baixa, o que

provoca problemas na organização da produção e sobretudo na conservação e manutenção de equipamentos, com a excepção das açucareiras. Em geral, o sector estatal de produção agrícola ainda contribui minimamente para a resolução dos problemas de abastecimento na província.

## No sector cooperativo

«O movimento cooperativo da província é fraco. Os embriões de cooperativas que visitámos englobam apenas uma parte dos camponeses das zonas onde se situam. Nessas unidades de produção, o camponês trabalha apenas um dia por semana na cooperativa e cinco dias na sua machamba individual. Assim, a base da sua subsistência é a machamba individual e não a cooperativa.

«As cooperativas ainda são encaradas pelos camponeses como o mero cumprimento de uma orientação superior do Partido e não como forma de melhorar a sua vida. Também este sector não contribui para o abastecimento do povo a nível da província, ainda. Nas aldeias comunitárias visitadas, onde existem embriões de cooperativas, verificou-se um maior conhecimento e preocupação com aspectos sociais, saúde e educação, e subestimação dos aspectos económicos. Exemplo: há posto médico, há escola, mas não há armazém para guardar os produtos e não há loja.

## No sector familiar

«É o sector dominante na província e pode contribuir de imediato para aumentar o nível de abastecimento do povo na província, através do estabelecimento de melhores critérios de comercialização agrícola. Não foi possível aprofundar muito este sector, dada também a sua dispersão.

«Apesar desta situação geral, nas visitas efectuadas constatou-se a existência de grandes potencialidades agrárias para o abastecimento do povo. O mesmo em alguns locais, infra-estruturas totalmente abandonadas. Podemos citar alguns exemplos de regadios de arroz que estão abandonados e que podem ser recuperados sem investimentos muito grandes, embora não sejam grandes regadios. Encontrámos cerca de quatro mil hectares abandonados.

«A nível do comércio nos distritos constatou-se o seguinte: O sector privado é dominante, totalmente. No entanto, o nível de abastecimento em geral, quer de produtos ali-

mentares, quer industriais, é satisfatório. Os produtos essenciais existem. Contudo, o nível de necessidades das populações dirige-se cada vez mais para outro tipo de produtos. Não é só o sabão, mas também o rádio e a bicicleta, produtos com maior valor que a população precisa. Tecidos e sabão, as populações já têm e estão nas prateleiras. Mas o rádio quando chega, vende-se no mesmo dia. A bicicleta nem chega ainda.

«A existência de um sector privado origina a existência de preços muito elevados, em relação aos estabelecidos por lei. Em praticamente todos os distritos o controle de preços é muito fraco. O privado tem o preço que quer e informa-nos: «Olhe, nós vendemos aqui o sal por nove meticais, mas a lei oficial estabelece seis». Nem sequer pensa que é crime, neste momento. A situação não é só especulação, é ausência do nosso poder.

«O comércio privado não participa nem tem tradição nesta província, nos distritos que visitámos, na comercialização. No período colonial, esta província não produzia muito em termos de produtos alimentares.

«Produtos estratégicos de exportação: açúcar e algodão. A nível da produção, nas empresas visitadas, verificou-se o seguinte: Boas pers-

pectivas de cumprir ou mesmo ultrapassar as metas estabelecidas no PEC/81. No sector de açúcar há problemas graves de aprovisionamento para o equipamento fabril e transporte. Nas açucareiras o sector mais fraco é o agrónomo. Quer dizer, vamos cumprir o Plano de 81 mas o futuro não está garantido nas açucareiras.

«Há problemas graves de transporte ferroviário e fluvial para o escoamento destes produtos. Estas dificuldades resultam de situações já verificadas pela primeira brigada chefiada por Sua Excelência o Ministro dos Portos e Transportes de Superfície.

«Também a nível das empresas produtoras, o problema do escoamento não é assumido como parte integrante do seu plano. O plano é cumprir a meta. Escoar e preocupar-se já não é o seu plano.

## Dos órgãos de direcção estatal

«Algumas direcções provinciais não estabeleceram a necessária ligação com as empresas de abastecimento (quando dizemos de abastecimento é fábricas, armazéns é tudo, não é só armazéns). Não têm programas específicos para apoio ao cumprimento do PEC/81. O Plano, de uma maneira geral, não chega aos distritos. Os distritos não conhecem bem as suas metas e quan-

do as conhecem não participaram na sua elaboração. Os distritos, nem todos têm o seu Plano Distrital. Todos os que visitámos não tinham.

«Há potencialidades humanas nos distritos que não são correctamente utilizadas. Exemplo: professores e alunos, por ausência de coordenação.

«Este é o relatório que tínhamos para apresentar. Podemos dizer que há situações que ainda precisavam de certo aprofundamento. Quer dizer, não visitámos todos os sectores, mas apenas alguns sectores, em particular a nível da cidade.

## A OFENSIVA CONTINUA

No fim da apresentação dos relatórios, o Presidente Samora Machel proferiu as seguintes palavras:

«Agora não é somente verificação. É também inventariação, muda de carácter. Inventariação, capacitação e aprofundamento de responsabilidades.

A luz começa a nascer. Ilumina agora. Estávamos em terreno desconhecido. Através da Beira, podemos ver o País Inteiro. São os mesmos problemas. Com maior ou menor incidência, mas são os mesmos.

Na nossa reunião dissemos « façamos da Beira a nossa Escola». Por Isso, a Ofensiva continua.

Obrigado companheiros».

## AGRICULTURA EM GAZA

# Indispensável articular produção cooperativa e estatal para resolver os nossos problemas

— Ministro Mário Machungo

O Ministro Mário Machungo esteve na Província de Gaza, durante quatro dias, em visita de trabalho enquadrada em mais uma fase da Ofensiva Política e Organizacional que decorre em todo o País.

No seu primeiro dia de trabalho o Ministro do Plano e da Agricultura, acompanhado pelo Secretário de Estado para o Desenvolvimento dos Vales do Limpopo e Incomati, Rui Gonzalez, o Governador da Província de Gaza João Pelembe, bem como de outros membros do Partido e Governo, realizou visitas aos sectores industriais e outros pontos estratégicos da vida nacional. As empresas principais visitadas pelo membro do Comité Político Permanente, na Ci-

dade de Xai-Xai, foram a fábrica de descasque de arroz pertencente à Unidade de Produção do Baixo Limpopo, a Mecanagro e a fábrica de descasque de castanha de caju MOCITA.

O Ministro foi informado das dificuldades que se fazem sentir para o cumprimento do Plano Estatal Central, com particular incidência no sector do caju. A MOCITA, tem falta de matéria-prima, tendo o responsável pela fábrica feito chegar ao Ministro Machungo que esta situação se verifica porque na província a produção da castanha no corrente ano foi baixa. Por isso prevê-se que a fábrica encerre as suas portas por algum tempo.

Ainda naquela fábrica constatou-se que não existe dinamismo da estrutura política da empresa na mobilização dos trabalhadores, falta de conhecimento das metas pelos trabalhadores, pois não são divulgados. Face a esta situação o Ministro Machungo deixou orientações às estruturas da Célula do Partido e dos Conselhos de Produção para a intensificação deste trabalho junto dos trabalhadores.

## SECTOR LEITEIRO

Visitadas duas unidades leiteiras pertencentes à Unidade de Produção do Baixo Limpopo, situadas nas Lezírias e Lumane, o Ministro Machungo, constatou que o trabalho que é realizado naquelas unidades não vai ao encontro das realidades e capacidades em relação à sua produção. Indagados os responsáveis, a resposta foi a falta de pastos por causa das cheias verificadas recentemente e que assolaram grandes áreas desta província.

Esta situação contribui para a baixa produção de leite naquelas unidades. Há a salientar o espírito de dedicação demonstrado pelos trabalhadores da Unidade Leiteira de Lumane, onde existe uma pequena machamba de mandioca com cerca de oito hectares para a alimentação dos suínos ali criados. Esta iniciativa foi louvada pelo Ministro do Plano e da Agricultura.

## SECTOR AGRÍCOLA

Prosseguindo com os trabalhos pela Província de Gaza, o Ministro Machungo trabalhou também nos distritos do Guijá, Limpopo e Massingir. No sector agrícola o Ministro incidiu mais a sua atenção nas cooperativas de produção, tendo no Guijá visitado algumas áreas do algodão pertencente aos cooperativistas do distrito, particularmente os de Ntomanine, 7 de Abril e Chinhacanine. Outro problema de grande relevo no distrito do Guijá, é o da falta de semente de feijão, produto que é necessitado pelos camponeses do distrito, pois o terreno é favorável à sua cultura.

## Machamba estatal de Metuchira ultrapassa meta de algodão

A machamba estatal de Metuchira, na província de Sofala, ultrapassou em mais de trezentos e cinquenta hectares, a meta atribuída para a produção de algodão durante a campanha agrícola 80/81.

Esta informação foi revelada ao Ministro moçambicano do Comércio Interno, Aranda da Silva, aquando da sua recente visita aquela unidade de produção, no quadro da verificação dos resultados da Ofensiva Política e Organizacional.

Presentemente, os trabalhadores da machamba estatal de Metuchira encontram-se envolvidos na operação da sacha, a qual está previsto que termine ainda este mês.

De acordo com a mesma fonte, a estimativa da produção de algodão é de cerca de uma tonelada e duzentos quilos por hectare.

## Durante o ano de 1981

# FAZER DO CENTRO "25 DE MAIO" UM MODELO DE TRANSFORMAÇÕES

— palavras de ordem do Ministro da Educação e Cultura durante a visita àquele estabelecimento de ensino da capital de Sofala

BEIRA, 5 (Delegação) — «A Ofensiva tem de entrar profundamente no sector de educação e cultura. Sobre tudo nos centros de formação dos professores, a todos os níveis, na transformação das mentalidades dos alunos e na sua correcta estruturação e enquadramento» — salientou o Ministro da Educação e Cultura, Graça Machel, no decorrer de uma reunião que teve na manhã de ontem com os trabalhadores do Centro Educacional 25 de Maio da cidade da Beira, no quadro do actual balanço da Ofensiva Política e Organizacional.

Anteriormente, a referida instituição havia sido alvo de uma visita do Presidente Samora Machel, efectuada há cerca de uma semana e meia, no decurso da qual foram detectadas graves anomalias, particularmente no que respeita ao nível de higiene e sanitário, que é bastante precário, má apresentação dos alunos, deficiente utilização das instalações e respectivos bens, e ausência de uma correcta articulação entre os responsáveis e os alunos.

«Apesar de os esforços que foram desenvolvidos e que se encontram patentes, achamos que com o que temos e com a situação prevalente — que não é de longe a mais indicada — podemos e devemos fazer muito mais e melhorar o nível do Centro, particularmente na sua apresentação e grau de organização».

«Foram traçadas pelo Presidente Samora Machel algumas orientações, em particular no que diz respeito à

apresentação e indumentária dos alunos, sua arrogância e não cumprimento das tarefas específicas do Centro, que até este momento não foram devidamente observadas.

«Estão a brincar? Não podemos admitir isso. Devem sempre ter presente quem são vocês e por que é que estão aqui» — acrescentou ainda aquela responsável quando apontava as anomalias que constata no decorrer da visita efectuada ao Centro Educacional 25 de Maio.

## CENTRO POLIVALENTE

Entre os principais problemas apresentados, aquele que se coloca com mais acuidade é a polivalência daquele estabelecimento educacional. Nele funcionam, simultaneamente, o Centro de Formação de Professores Primários, Escola Primária e uma Lar (para alunos da 10.ª e 11.ª classes), que abrangem um total de mais de mil alunos em movimento, contra uma capacidade para 150 alunos (capacidade inicial) internos, na altura da sua fundação com o nome de colégio «Irmãos Maristas», nos anos 50.

Neste contexto, são muitos os problemas ali existentes e a fraca capacidade de resposta evidenciada pela estrutura que dirige o Centro — alguns casos não da sua inteira responsabilidade — tornam o seu funcionamento bastante precário e muito aquém das necessidades requeridas.

Numa breve síntese, podemos acrescentar ainda que, devido ao

estado precário e exiguo das instalações, nomeadamente balneários e refeitórios, e aos problemas organizacionais e de enquadramento dos alunos existentes, entre outros, são graves os problemas sociais que ali se colocam, sobretudo na transformação das mentalidades e formação do Homem Novo.

## TRANSFORMAR O CENTRO 25 DE MAIO

Outras das situações preocupantes que ali se colocam é o nível de formação dos futuros professores primários, que se pode considerar bastante fraco e não enquadrado no actual contexto de ser exactamente a partir da escola primária onde iremos melhorar qualitativamente a capacidade de formação dos nossos futuros quadros.

Teremos que transformar e sermos capazes de nos transformar. Em particular, a transformação das mentalidades — hábitos, comportamento, apresentação, etc — devem orientar a nossa acção. Ensinar como utilizar correctamente os refeitórios, casas de banho, salas, etc.

«Sobretudo, modificar a nossa atitude para com o Povo. Há alunos aqui, em particular os da décima e décima primeira classes que não sabem ainda quando custou a independência de Moçambique para poderem estar hoje nas escolas.

Vamos fazer do Centro Educacional 25 de Maio um Centro modelo em transformações durante 1981» — foi a palavra de ordem deixada por Graça Machel.

## COOPERAÇÃO COM A RDA NO DOMÍNIO DA INFÂNCIA

Termina hoje a visita que a delegação dos Serviços Sociais de Infância do Ministério da Saúde da República Democrática Alemã vinha efectuando ao nosso País. O estudo de formas concretas de cooperação com Moçambique no domínio da infância foi o principal objectivo da deslocação daquela delegação à RPM.

Durante esta visita que teve a duração de quinze dias e deverá terminar hoje, a delegação visitou creches e centros infantários ao nível de locais de trabalho, de residência e das Aldeias Comunitárias com o objectivo de conhecer as realidades concretas do nosso País neste campo e dessa forma traçar um plano de cooperação.

A delegação esteve nas províncias de Inhambane e Nampula além da capital do País. Esta visita enquadra-se nos acordos de cooperação assinados em 1979 entre os Ministérios de Saúde de ambos os países.